

A AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JOVENS EMPREENDEDORES NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SÃO ROQUE DE MINAS

Valmorio Lima Júnior¹

Daniela Meirelles Andrade²

Andressa Aparecida Santana Furtini³

Vinícius Batista Gonçalves⁴

RESUMO

O empreendedorismo é um fenômeno presente no cotidiano, capaz de potencializar habilidades do indivíduo. O Programa de Jovens Empreendedores, realizado em escolas estaduais município de São Roque de Minas-MG, oferece a oportunidade de um trabalho prático e dinâmico, no qual o educando tem a oportunidade de conhecer e analisar as novas demandas do mercado. Portanto, o presente artigo trata-se de pesquisa realizada com os jovens participantes do Programa Jovem Empreendedor nas escolas estaduais de São Roque de Minas-MG, com o objetivo de verificar a eficácia do referido programa. Foi elaborado um questionário com perguntas fechadas em escala *Likert* e aplicado a 110 alunos. As perguntas foram elaboradas com o intuito de avaliar o desenvolvimento do programa, analisar o perfil empreendedor dos alunos participantes e propor ações de melhoria. Verificou-se que o Programa Jovem Empreendedor contribui ativamente na vida e no desenvolvimento do jovem/aluno. Os resultados evidenciaram, ainda, como o empreendedorismo, aliado à educação, engrandece a prática social, ofertando aos alunos novas oportunidades para sua aprendizagem e fortalecendo sua prática e amplia as suas visões e ações dentro de seu cotidiano/prática.

155

1 Graduado em Administração Pública pela UFLA

2 Doutora em Administração pela UFLA

3 Mestre em Administração Pública pela UFLA

4 Mestre em Administração Pública pela UFLA

Palavras-chave: Avaliação. Educação. Empreendedorismo. Escolas Públicas. Programa Jovem Empreendedor.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é algo que vai além do incentivo à criação de novas empresas e negócios. Torna-se inarredável a conscientização de pessoas para que sejam capazes de reconhecer e utilizar as oportunidades e desafios com segurança, cautela e ousadia, sendo que o empreendedorismo reflete também na vida pessoal, oferecendo a oportunidade de se aprender e praticar atitudes capazes de influenciar positivamente toda a sociedade.

Visando uma formação mais eficiente que combine iniciativa, reorganização, liderança e busca de oportunidade, entre outros, a Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de São Roque de Minas (Sicoob Saromcredi), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresa (SEBRAE/MG), Prefeitura Municipal de São Roque de Minas e Escolas Públicas Municipais e Estaduais se uniram para o desenvolvimento do Programa de Jovens Empreendedores (PJE) nas escolas públicas de São Roque de Minas.

Assim, o Programa de Jovens Empreendedores oferece a oportunidade de um trabalho prático e dinâmico, no qual o educando terá a oportunidade de conhecer e analisar as novas demandas do mercado. Nesse sentido, busca-se o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, formando cidadãos críticos e responsáveis frente às necessidades de seu tempo.

Por meio deste trabalho será analisado o processo de desenvolvimento do Programa de Jovens Empreendedores no Ensino Fundamental, iniciado em 2014, além de discutir com todos os agentes envolvidos (alunos, educadores, equipe gestora e pedagógica) os primeiros resultados do desenvolvimento desse projeto.

O espaço público da escola é um local rico para agregar novas experiências e também para possibilitar novas discussões sobre variados temas e para formação de futuros cidadãos aptos a fazerem a diferença e de tomarem decisões significativas diante do mercado de trabalho e como cidadãos diante de toda a sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Empreendedorismo

Existem vários conceitos para o termo empreendedorismo, cada pessoa e suas experiências podem criar um relato diferente para o significado do termo. O processo empreendedor vem sendo cada vez mais usado no Brasil e no mundo, por isso a necessidade cada vez maior de se difundir esta prática, que conseqüentemente poderá promover o crescimento local, regional e nacional, promovendo emprego, renda e investimentos (DOLABELA, 2008).

O empreendedor é o sujeito que detêm ou procura obter e aprimorar uma atitude de inquietação, ousadia e pró-atividade em suas relações com a sociedade e com o mundo, relacionadas com as características pessoais, culturais e ambientais, favorecendo uma interferência de criatividade e realizações, possibilitando ganhos de cunho social e econômico (SANTOS, 2008).

Ser empreendedor significa, acima de tudo, a necessidade de inovar, ter seu próprio ideal e colocá-los em prática, sendo esta uma característica de personalidade e comportamento que nem sempre é fácil de encontrar (DEGEN 1989). Fuzetti (2009) complementa que para empreender é necessário destruir a economia existente, introduzindo novos produtos e serviços, criando novas formas organizacionais, sempre de forma inovadora e com uso de novos materiais e recursos.

O empreendedor acredita que com esforço e planejamento conseguirá reduzir as incertezas e aumentar as chances de se alcançar êxito. Acreditando que com esforço e planejamento conseguirá reduzir as incertezas e aumentar em muito as chances de se alcançar o êxito o que Dornelas (2001) ressalta como uma ação da persistência sendo uma etapa necessária e vivenciada pelo empreendedor.

2.2 O empreendedorismo como objeto de estudo

Analisando o empreendedorismo nos Estados Unidos da América, verifica-se sua força no que se refere ao seu estudo associado à administração. Os jovens, desde cedo nas escolas, participam de cursos, programas e disciplinas específicas da área de administração. As práticas empreendedoras desenvolvidas envolvem discussões sobre os mais variados temas, organização de órgãos escolares, onde os alunos expressam e exercitam suas capacidades empreendedoras em Grêmios Estudantil, Jornais Escolares, Organizações Esportivas.

158

Souza e Guimarães (2008) pontua a presença do empreendedorismo na China, na Rússia e na Índia, como reflexo das ações realizadas pelos Estados Unidos. Os governos se mostram perceptivos a estas mudanças econômicas e de comportamento e estão interessados a se adequarem com novos meios e métodos de formação de empreendedores, aproveitando também como uma forma de afastar seus países do subdesenvolvimento e da crise que atravessam. O empreendedorismo oferece oportunidades de aplicação e de apoio no crescimento econômico.

Atualmente o Brasil se encontra em posição de destaque com relação às possibilidades de desenvolver o maior programa de ensino de empreendedorismo do mundo. Chega-se a essa conclusão após o lançamento de ações como o Programa Brasil Empreendedor do Governo Federal, destinado a mais de 6 milhões de empreendedores em todo país, entre os anos de 1999 e 2002, o Empretec, e Jovem

Empreendedor do SEBRAE, que são programas formadores com alta demanda e considerável avaliação (DORNELAS, 2005).

Bastos et al. (2006) afirmam que o estudo do empreendedorismo em escolas básicas como disciplina extracurricular, transdisciplinar, permite incorporar os conteúdos básicos comuns e obrigatórios, além de outros conhecimentos que possam provocar nos jovens novos comportamentos e novas posturas empreendedoras. Friedlaender (2004) e Santos (2002) afirmam a necessidade da formação empreendedora, pois o empreendedor sabe buscar novas oportunidades, é detentor de iniciativa, persiste e possui comprometimento com seu projeto.

Franco (2005) aponta que a escola precisa criar mecanismos próprios e sair do seu "mundinho", abrir mão da sua comodidade e conquistar o mundo a sua volta. É uma tarefa desafiadora na qual o que necessita do envolvimento de todos os atores educacionais (alunos, professores, gestores, equipe pedagógica) como responsáveis pelo processo pedagógico, buscando resgatar a verdadeira identidade da escola: educar para a formação de cidadãos (DOLABELA, 2008). Por isso, o empreendedorismo veio a ser um parceiro educacional na formação e como um objeto de análise que busque a diferença sempre.

159

2.3 Perfil do Empreendedor

Uma série de características é observada em uma pessoa empreendedora, como: criatividade; capacidade de assumir riscos calculados; solução de problemas; autoconfiança; perseverança; entre outras (MAXIMILIANO, 2006). Essas características, combinadas com a intensidade dos mais variados perfis, deixam claro um conjunto de competências que o indivíduo deve ter e/ou desenvolver a fim de se tornar um empreendedor bem-sucedido.

Dolabela (2008) afirma que um dos principais atributos do empreendedor é identificar oportunidades de empreendimento, nichos de mercado, agarrá-las e buscar os recursos necessários para transformá-los em negócios lucrativos. Não é estritamente necessário que ele possua todos os meios necessários para iniciar e estabelecer seu empreendimento. Mas é indispensável que ele seja capaz de atrair esses recursos, demonstrando a importância do seu projeto e sua capacidade de torná-lo real, viável e rentável.

160 As oportunidades são caracterizadas por um conjunto de eventos, situações ou circunstâncias que permitem a geração de mudanças positivas na empresa, entre os clientes ou até na vida, é a visão de uma situação nova que traga benefícios. De acordo com o SEBRAE (2003), para que esta oportunidade seja transformada em um negócio lucrativo é fundamental levantar informações atualizadas e conhecer o mercado, tendências, necessidades e o que realmente faz diferença para o cliente. O domínio desse conhecimento terá como resposta a aceitação e valorização da nova empresa, de uma atividade, de um produto ou serviço. A oportunidade deve ser viável e, para aproveitá-la, o empreendedor precisa dispor ou ser capaz de se organizar de forma a gerar os recursos necessários – técnicos, humanos, estruturais ou financeiros.

De acordo com Degen (1989), um empreendedor deve correr riscos calculados, podendo ter sucesso ou não em seu negócio, mas minimizando as possibilidades de fracasso, através de ferramentas de planejamento e pesquisa. O sucesso do seu empreendimento se deve a sua capacidade de conviver e sobreviver a estes riscos e sobreviver a eles. Um aspecto que se confunde muito é a relação entre os termos administrador e empreendedor pode se diferenciar bastante do outro.

Para Drucker (1987) o empreendedor é um sujeito capaz de demonstrar um comportamento inovador, oferecendo uma satisfação para seus clientes. É considerada também uma pessoa com facilidade de identificação de novas oportunidades de negócios, nichos de mercados, traça metas, corre riscos calculados, buscar novas informações, planejar e monitorar sistematicamente, ser persistente, comprometido, ter persuasão persuasivo, exigir qualidade, além de possuir independência e autoconfiança.

2.4 O Empreendedorismo e o Setor Público

A aplicação à noção de empreendedorismo em uma organização pública é diferente de sua aplicação no setor privado devido às características peculiares de cada um dos setores. Na organização pública, a forma de atuação é mais complexa, pois sofre interferência de intensas relações políticas, suposição de neutralidade, responsabilidade, transparência, conflitos entre os gestores, estrutura culturalmente mais centralizada, onde os gestores têm menor poder de decisão, falta de incentivo/recompensas e riscos menores, ajudam para uma cultura que vai de encontro ao empreendedorismo (KEARNEY et al., 2009).

161

Oliveira (2004) assinala que o conceito de empreendedorismo social ainda está em construção e destaca que há certa similaridade quanto à compreensão e origem do mesmo com a lógica empresarial (privada), influenciado pela crescente participação das empresas no enfrentamento dos problemas sociais.

Roberts e King (1991) definem empreendedorismo público como um processo de implantação de ações inovadoras nas organizações do setor Público. O empreendedorismo público é a criação de ideia inovadora, a definição e sua implantação no setor público (ROBERTS, 1992). Já Morris e Jones (1999) definem o empreendedorismo público através da perspectiva do desenvolvimento do processo de criação

de valor para os cidadãos, quando é reunida uma combinação de recursos públicos se explorar oportunidades sociais.

O empreendedorismo público acontece sempre através da ação de um ator político para resolução dos problemas da administração pública, agindo em oportunidades potenciais de lucro, alterando o sistema em que está incorporado, em sentido ao equilíbrio (SHOCKLEY et al., 2006). Na visão de Currie et al. (2008), o empreendedor público é caracterizado como uma liderança que estende metas, mandatos, funções e poder nas organizações de um modo não previsto pelos agentes públicos. Com essa liderança, torna-se capaz de construir coalizões políticas para aproveitar as oportunidades empreendedoras dentro da organização.

O setor público pode ser visto como um espaço sem atuação, estagnado e sem abertura para o novo em razão de sua estrutura burocrática com procedimentos e leis rígidas. Nesse cenário, a ação empreendedora é um meio para modificar tal situação, proporcionando desenvolvimento através da liberdade e criatividade. De acordo com a análise de Furtado (2007), fica clara a importância dos agentes públicos e de um esquema organizacional no qual no qual há o desenvolvimento da ação empreendedora.

3 METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é de verificar a eficácia do Programa de Jovens Empreendedores (PJE) nas escolas estaduais de São Roque de Minas e identificar se há mudanças no comportamento e atitudes dos alunos que estão inseridos neste processo.

O plano de coleta de dados iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica em livros e artigos, buscando embasamentos necessários para melhor exposição do tema em questão. Em seguida foi desenvolvido um questionário embasado nos objetivos a serem alcançados. Foi

elaborado com perguntas fechadas em escala *Likert* e aplicado a 110 alunos. Esse número equivalente a 100% dos alunos do primeiro ano do ensino médio de quatro escolas públicas que atuaram nas feiras dos jovens empreendedores do ensino fundamental no município de São Roque de Minas.

A pesquisa buscou analisar os dados qualitativamente e quantitativamente. Para a análise quantitativa foi utilizado o programa de tabulação de dados (Excel) que permite a criação de planilhas e facilita a verificação dos resultados. O questionário elaborado foi pré-testado por meio de entrevistas com uma amostra de 11 alunos, equivalente a 10% do total de alunos que participarão da pesquisa. Após o preenchimento do questionário, realizou-se uma discussão para que fosse sugerido possíveis alterações no vocabulário, buscando facilitar a compreensão dos demais participantes da pesquisa.

O questionário foi composto de 30 questões sendo cinco questões para cada um dos temas a seguir: "A escola como agente formador para o empreendedorismo", "O comportamento do aluno após dois anos de programa", "A participação dos agentes apoiadores do programa", "Materiais e técnicas usadas para aprendizado", "Características empreendedores do jovem participante" e "Avaliação da Feira dos Jovens Empreendedores".

Quanto à pesquisa qualitativa, para demonstrar o resultado das coletas dos dados da pesquisa foi feita uma análise das respostas dos jovens participantes. Esta análise foi dividida em três tópicos, nos quais foram selecionadas perguntas relacionadas às respostas dos objetivos traçados nesse trabalho. Os três tópicos foram: análise do desenvolvimento do programa; análises do perfil empreendedor dos alunos; análises para a aplicação das melhoras no PJE.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Análise do desenvolvimento do programa

O PJE foi aplicado nas quatro escolas analisadas visando oferecer um novo olhar diante aos desafios educacionais. Na visão de Gadotti (1999) e Dolabella (2003) essa prática torna o espaço escolar um local favorável à prática do empreendedorismo.

Os alunos que responderam ao questionário foram denominados por letras de A a K, com o intuito de preservar suas identidades. As respostas deveriam ser escolhidas entre discordo totalmente, discordo, neutro, concordo e concordo totalmente.

As análises das perguntas dos questionários foram extraídas dos temas: A escola como agente formador para o empreendedorismo; A participação dos agentes apoiadores do programa, material e técnicas utilizadas para o aprendizado; e Avaliação da Feira dos Jovens Empreendedores.

Quadro 1 - Análise do desenvolvimento do programa

Afirmação/ Avaliação	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
1 O professor responsável pelo ensino da prática empreendedora transmitia aos alunos conhecimento do tema ensinado.	1,1%	5,4%	12,9%	54,8%	25,8%
2 Todos os professores desta escola abordavam o tema empreendedorismo em suas disciplinas.	4,3%	3,2%	15,1%	49,5%	28%

A AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JOVENS EMPREENDEDORES
NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SÃO ROQUE DE MINAS

3	A direção e equipe pedagógica auxiliaram os alunos em todas as situações/dúvidas apresentadas durante a execução do PJE.	0%	5,4%	11,8%	53,8%	29%
4	Tenho conhecimento sobre o que acontece nas reuniões regulares entre representantes das escolas e órgãos/entidades apoiadoras do PJE.	0%	5,4%	11,8%	41,9%	40,9%
5	O livro de referência usado pelo professor responsável pelo conteúdo foi muito importante.	1,1%	2,2%	7,5%	37,6%	51,6%
6	O professor utilizava outros métodos/materiais de ensino.	0%	3,2%	7,5%	48,4%	40,9%
7	Atividades práticas de aprendizado foram realizadas antes da realização da feira.	0%	1,1%	7,5%	45,2%	46,2%
8	A escola promove reuniões com os alunos com o objetivo de avaliar a feira como evento, e discutir possíveis melhorias para os anos seguintes.	1,1%	7,5%	5,4%	31,2%	54,8%

165

Fonte: Dados da Pesquisa, elaborado pelos autores, 2017.

O Quadro 1 destaca que os alunos em sua grande maioria conhecem o desenvolvimento e as etapas do PJE e estão envolvidos no projeto como um todo, desde o planejamento até a execução e avaliação. Os alunos podem contar com o apoio dos professores nas atividades práticas desenvolvidas durante o projeto. Na visão de Gadotti (1999) a escola é um espaço para a gestão democrática, o que se percebe

nas respostas dos entrevistados em relação às melhorias do PJE, o qual permite um espaço para discussão.

A maior parte dos alunos que responderam o questionário (54,8%) concordou que o professor responsável pelo ensino da prática empreendedora transmitia conhecimento do tema ensinado, 25,8% concordaram totalmente, 12,9% se mantiveram neutros, 5,4% discordaram e 1,1% discordaram totalmente.

Do total de alunos que responderam o questionário, 49,5% concordaram que todos os professores da escola em que eles estudavam abordavam o tema empreendedorismo em suas disciplinas, 28% concordaram totalmente, 15,1% se mantiveram neutros, 3,2% discordaram e 4,3% discordaram totalmente.

“Todos os professores desta escola abordavam o tema empreendedorismo em suas disciplinas” (Afirmativa do aluno C). Apesar dessa resposta positiva, o número de alunos que concordaram totalmente revela que, para alguns professores, o tema Empreendedorismo gera medo, insegurança ao ser abordado. Dolabela (2003) aponta que o medo precisa dar espaço para novas tentativas e visões. E Reich (1994) enfatiza que é preciso que o professor invista em novas percepções que ofereçam aos alunos uma nova forma de oferecer valor ao mundo e também a sua prática profissional.

Em relação à terceira afirmação “a direção e equipe pedagógica auxiliaram os alunos em todas as situações/dúvidas apresentadas durante a execução do PJE”, 53,8% concordaram, o que significa que a maior dos alunos disseram sim, 29% concordaram plenamente, 11,8% se mantiveram neutros, 5,4% discordaram e nenhum discordou totalmente.

A quantidade de alunos que concordaram com tal resposta demonstra a presença ativa dos setores pedagógicos e administrativos dentro do PJE, de modo a valorizar o projeto durante a sua execução, o que é destacado por Siqueira (2005) como uma sequência positiva do trabalho pedagógico diante dos desafios vivenciados por cada escola durante a execução/aplicação do PJE.

Quando questionados sobre se tinham conhecimento do que acontece nas reuniões regulares entre representantes das escolas e órgãos/entidades apoiadoras do PJE (afirmativa 4), a maioria dos alunos disse que concorda (41,9%) seguida de perto por outra parcela que disse concordar totalmente (40,9%), enquanto 11,8% se mantiveram neutros, 5,4% discordaram e nenhum discordou totalmente.

Nesse aspecto percebe-se uma falha por parte das escolas, já que todas deveriam informar aos envolvidos sobre o que foi discutido nas reuniões. Vale destacar que tal falha pode ocorrer em razão da falta de procura por parte dos alunos em receber tal conhecimento, ou seja, nem sempre quer dizer que a escola é quem deixa de revelar o conteúdo e sim que o aluno não demonstra interesse em saber. Nas colocações de Freire (1996) a escola deve sempre incentivar as informações visando o exercício da autonomia por parte dos participantes do projeto.

Em relação ao conteúdo do livro de referência utilizado pelo professor responsável pela disciplina, 51,6% disseram concordar totalmente, 37,6% concordaram, 7,5% se mantiveram neutros, 2,2% discordaram e 1,1% discordou totalmente.

O material didático utilizado para e no desenvolvimento do projeto foi de suma relevância, porém não na visão de todos os alunos. Na concepção de Anastasiou e Alves (2004), o livro é uma forma de utilização de estratégias de ensino, assim como a elaboração, organização e utilização de materiais didáticos. A procura por

conhecer as lacunas, ressalta a visão de Dornelas (2001) sobre os próximos passos a serem tomados, pois é significativo para os participantes conhecerem e terem instrumentos para caminharem e aprenderem com os “tombos” equívocos.

Depois os alunos foram questionados sobre o fato do professor utilizar outros métodos/materiais de ensino (afirmativa 6), sendo que 48,4% disseram concordar, 40,9% concordaram totalmente, 7,5% se mantiveram neutros, 1,1% discordaram e nenhum discordou totalmente.

A realização de um projeto não significa que o professor deva fazer uso apenas do material oferecido pelo programa, fato que foi colocado por Anastasiou e Alves (2004) e Freire (1996) que acreditam que o professor deve sempre inovar, buscando novas alternativas de ensino, estimulando cada vez mais a participação dos alunos. Na visão de Dornelas (2001), materiais distintos representam novas oportunidades de adaptação diante da realidade/desafios.

168

Sobre a realização de atividades práticas de aprendizado realizadas antes da realização da feira relacionada ao PJE (afirmativa 7), a maioria, 46,2%, disse concordar totalmente, 45,2% disseram concordar, 7,5% se mantiveram neutros, 1,1% discordou e nenhum discordou totalmente.

As respostas mostram como as escolas se organizaram para trabalhar antes da execução da feira e que essa se tornou o ápice do projeto. Vasconcelos (2000) mostra a relevância de um trabalho pedagógico organizado/estruturado visando à formação da cultura da tradição/rotina com os alunos. Segundo Dornelas (2001), Drucker (1987) e Dolabela (2003) trata-se de uma etapa necessária para o empreendedor se preparar e ter oportunidades de erros/acertos e principalmente aprender com esses.

Por fim, foi questionado sobre o fato da escola promover reuniões com os alunos objetivando avaliar a feira como evento e discutir possíveis melhorias para os anos seguintes (afirmativa 8). A maior parte, 54,8%, disse concordar totalmente, 31,2% disseram concordar, 5,4% se mantiveram neutros, 7,5% discordou e 1,1% discordou totalmente.

A maioria compreende a ação pedagógica e sua importância para e na execução do PJE, porém nem todos concordaram totalmente, fato este que represe ta mais uma lacuna. Para Freire e Betto (2000), a avaliação é uma ação ativa e reflexiva por parte da equipe gestora e pedagógica da escola, sendo que, de acordo com Dornelas (2001), Drucker (1987) e Dolabela (2003), trata-se de uma etapa necessária para que o empreendedor se prepare e tenha oportunidades de rever erros/acertos. Esse caminho é relevante para sua formação empreendedora, onde aprender é uma etapa constante no caminhar empreendedor.

169

A participação ativa dos envolvidos no PJE é resultado das análises e das vivências nas diversas situações que podem ser encontradas diante da prática empreendedora, sendo mais uma etapa do aprendizado, cabendo aos interessados procurarem e decidirem quando é necessário rever, parar, repensar e agir para alcançar seus objetivos/metass.

4.2 Análises Do Perfil Empreendedor Dos Alunos

Observou-se que as respostas com maior grau de concordância foram aquelas voltadas para a busca de oportunidades para desenvolver profissionalmente, mas com riscos calculados, prezando pela autoavaliação e analisando defeitos e qualidades, como mostra o Quadro 2.

Quadro 2- Análise do perfil empreendedor dos alunos

Afirmação/ Avaliação	Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
1 O PJE foi importante para que eu mudasse de comportamento quanto a vida em sociedade e trabalho em equipe.	2,2%	0%	9,7%	47,3%	40,9%
2 Tenho a responsabilidade e preocupação com o controle dos meus gastos e ganhos.	1,1%	3,2%	7,5%	52,7%	35,5%
3 O PJE me fez observar e desenvolver minhas habilidades empreendedoras.	0%	2,2%	9,7%	50,5%	37,6%
4 Penso em ser um empreendedor no futuro.	0%	1,1%	9,7%	45,2%	44,1%
5 Em minha vida, sempre que possível, busco oportunidades para desenvolver profissionalmente e pessoalmente.	0%	0%	2,2%	46,2%	51,6%
6 Corro riscos calculados.	0%	0%	5,4%	44,1%	50,5%
7 Eu procuro persistir frente a uma tarefa complicada.	0%	0%	6,5%	54,8%	38,7%
8 Aceito normalmente críticas negativas ao meu respeito, mesmo que deixem chateado(a).	0%	1,1%	6,5%	62,4%	30,1%
9 Constantemente procuro me auto avaliar, analisando meus defeitos e qualidade.	0%	1,1%	5,4%	48,4%	45,2%

Fonte: Dados da Pesquisa, elaborado pelos autores, 2017.

O Quadro 2 destaca que os alunos perceberam a importância do trabalho em equipe e das análises individuais de modo a valorizar as etapas de um bom desempenho, quais sejam: estudo/análises do desenvolvimento; apoio nas dificuldades; e de rever sempre o (s) resultado (s) da (s) etapa (s) do desenvolvimento do PJE.

Ao serem questionados sobre a importância do PJE para mudar o comportamento quanto à vida em sociedade e trabalho em equipe (afirmativa 1), 47,3% concordaram, 40,9% concordaram totalmente, 9,7% se mantiveram neutros, ninguém discordou e 2,2% discordaram totalmente.

Para a maior parte dos alunos, o PJE foi de grande relevância para a mudança de comportamento, como revelaram as respostas e a afirmação 1. Dessa forma, Freire e Betto (2000) entendem que a educação é importante, pois ensina e explora a vida, formando cidadãos aptos a agirem na e para a sociedade, o que na visão de Lopes (2010) é o resultado da prática empreendedora no caminhar dos alunos envolvidos pelo PJE, mostrando que é possível vivenciar e praticar o empreendedorismo.

171

Quando perguntado se tinham a responsabilidade e preocupação com o controle dos seus gastos e ganhos (afirmativa 2), mais uma vez a maior parte, 57,2%, disse que concordava, 35,5% disseram concordar totalmente, 7,5% se mantiveram neutros, 3,2% discordaram e 1,1% discordou totalmente. Pereira (2001) ressalta que o empreendedorismo na vida pessoal dos alunos contribui realmente para o crescimento fora do espaço escolar.

Em seguida foi questionado se o PJE os fez observar e desenvolver suas habilidades empreendedoras (afirmativa 3), sendo que a resposta de 50,5% dos alunos foi concordo, 37,6% disseram concordar

totalmente, 9,7% se mantiveram neutros, 2,2% discordaram e nenhum discordou totalmente. O PJE teve significativo índice de aprovação, corrolaborando com as colocações de Dolabella (1999), nas quais o empreendedorismo abre espaço para a formação plural do jovem, auxiliando no exercício efetivo do desenvolvimento de habilidades empreendedoras, analisando efetivamente a realidade onde o mesmo está inserido.

Em seguida, foi questionado aos alunos se pensam em ser um empreendedor no futuro (afirmativa 4). A maioria, 45,2%, disse que concorda, 44,1% disseram concordar totalmente, 9,7% se mantiveram neutros, 1,1% discordou e nenhum discordou totalmente. O pensamento desses alunos revela que os participantes do PJE se sentiram motivados a realizar atividades empreendedoras em sua vida pessoal, o que na perspectiva de Dolabella (2003) é um dos maiores desafios da atividade empreendedora: incentivar o sonho da continuidade do empreendedorismo na vida pessoal do aluno. Ainda de acordo com o autor, percebe-se que o início da ampliação do olhar, diante dos desafios futuros, poderá abrir novos caminhos nos alunos envolvidos.

172

Ao serem questionados se em suas vidas buscam oportunidades para se desenvolverem profissionalmente e pessoalmente (afirmativa 5), 51,6% dos entrevistados disseram que concordam totalmente, 46,2% disseram concordar, 2,2% se mantiveram neutros, nenhum discordou ou discordou totalmente. O empreendedorismo visa ser desenvolvido para que a formação humana valorize as ações dos indivíduos, seus sonhos, metas, desafios. Para Dolabella (2003), o empreendedorismo passa a ser um componente da própria natureza humana. Destarte, considerando as respostas dos alunos, seria possível dizer que o PJE alcançou seu objetivo, despertando cada vez mais a participação e ação dos alunos envolvidos.

A afirmativa 6 verifica se os envolvidos correm riscos calculados. A maioria, 50,5%, disse que concorda totalmente, 44,1% disseram concordar, 5,4% se mantiveram neutros, nenhum discordou ou discordou totalmente. Isso significa que os envolvidos no PJE sabem e conhecem os princípios do empreendedorismo e sua (s) implicação (ões) na realidade.

Na sequência, foi questionado sobre a persistência frente a uma tarefa complicada (afirmativa 7). Do total de entrevistados, 54,8% disseram que concordam, sendo que a porcentagem dos que concordam totalmente foi de 38,7%, 6,5% se mantiveram neutros, 1,1% discordou e nenhum discordou totalmente. Nessa questão, a quantidade de alunos que não insistem frente a uma tarefa complicada foi significativa, já que se espera de um empreendedor a capacidade para correr riscos, mas também enfrentar os obstáculos que poderão surgir ao longo da sua jornada. Essa é uma característica que diferencia o empreendedor (DOLABELLA, 2003). Porém, essa ação precisa de reflexão e pode demandar tempo e também prática (LOPES, 2010).

173

Quando questionados se aceitam normalmente críticas negativas ao seu respeito, mesmo que os deixem chateados (afirmativa 8), 62,4% disseram que concordam, 30,1% revelando que nem todos aceitam serem criticados, 6,5% se mantiveram neutros, 1,1% discordou e nenhum discordou totalmente. Apesar de uma grande parte aceitar críticas, esse item que merece atenção por parte dos educadores do projeto, pois a não aceitação de críticas pode se tornar um empecilho nas próximas etapas. Na visão de Freire, Paulo e Betto (2000) o empreendedorismo é uma ação que remete o pensar, o refletir e o filosofar diante aos desafios. Trata-se de uma etapa que se relaciona com o medo e o amadurecimento do aluno enquanto pessoa (LEITE, 2002).

Por derradeiro, foi questionado ao aluno se constantemente procura se autoavaliar, analisando seus defeitos e qualidade (afirmativa 9). Do total 48,4% disseram que concordam, 45,2% concordam totalmente, 5,5% se mantiveram neutros, 1,1% discordou e nenhum discordou totalmente. Os envolvidos conhecem a si mesmo e buscam conhecer seus erros e acertos, procurando fazer melhor aquilo que possuem dificuldades. A autoanálise favorece uma visão ampliada e real de si mesmo, podendo ser considerada como o resultado de um autoconhecimento que visa a melhoria da formação/atuação humana. Para Queiroz (2011) é uma forma de reflexão interna e que visa o aperfeiçoamento tanto pessoal quanto profissional. Consiste em mais um progresso por parte dos participantes do PJE em relação ao empreendedorismo (LEITE, 2002).

174

O empreendedorismo deixará de ser um fenômeno e se tornará uma prática quando os participantes e atuantes começarem a agir reconhecendo os erros e acertos e adequando o que for necessário para continuar caminhando e praticando o empreendedorismo dentro e fora do espaço educacional (LEITE, 2002).

4.3 Análises para a Aplicação das Melhorias no PJE

Ao investigar as melhorias no PJE comprovou-se que a maior parte dos entrevistados disse ter clareza sobre os passos necessários para constituir uma empresa, conhecendo os órgãos/entidades que apoiam o PJE e o papel destes na escola, como revelou o Quadro 3.

Quadro 3 - Análises para aplicação das melhorias no PJE

Afirmção/ Avaliação	Discordo Totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
1 Sei quais foram os órgãos/entidades responsáveis pelo apoio e desenvolvimento do PJE em minha escola.	6,5%	14%	20,4%	32,3%	26,9%
2 Os órgãos/entidades que apoiaram o PJE tiveram papel fundamental no desenvolvimento do projeto em minha escola.	6,5%	9,7%	32,3%	23,7%	28%
3 Sei qual foi o papel de cada órgão/entidade apoiadora do PJE.	5,4%	17,2%	25,8%	28%	23,7%
4 Sei qual a área de atuação de cada um dos órgãos/entidades que apoiaram o PJE.	4,3%	19,4%	24,7%	23,7%	28%
5 Tenho clareza sobre os passos necessários para se constituir uma empresa.	0%	1,1%	9,7%	45,2%	44,1%

175

Fonte: Dados da Pesquisa, elaborado pelo autor, 2017.

Conforme Quadro 3, os alunos foram questionados se sabiam quais os são os órgãos/entidades responsáveis pelo apoio e desenvolvimento do PJE na escola (afirmativa 1). Do total 32,3% concordaram, 26,9% concordaram totalmente, 20,4% se mantiveram neutros, 14% discordaram e 6,5% discordaram totalmente. O conhecimento, por parte dos alunos, sobre os parceiros da escola para a realização do programa é perceptível, porém esse conhecimento não é unânime revelando que as escolas precisam divulgar melhores as parcerias realizadas. O conhecimento dos órgãos/entidades que participam dos projetos é algo necessário para a prática transparente e ética do empreendedorismo, contribuindo para a formação plural e diversificada dos alunos do PJE (DORNELAS, 2005)

Quando questionados se os órgãos/entidades que apoiaram o PJE tiveram papel fundamental no desenvolvimento do projeto em sua escola (afirmativa 2), 28% concordaram totalmente, 23,7% concordaram, 32,3% se mantiveram neutros, 9,7% discordaram e 6,5% discordaram totalmente. Talvez por não conhecerem todos os órgãos/entidades que apoiaram o projeto, os alunos não conheciam claramente as ações oriundas das parceriais. A comunicação é de extrema relevância entre os envolvidos no PJE para que os alunos conheçam os resultados alcançados/vivenciados como participantes do projeto, assim como as questões que merecem mais atenção (DOLABELA, 2012)

176

Com relação ao conhecimento sobre qual foi o papel de cada órgão/entidade apoiadora do PJE (afirmativa 3), 23,7% concordaram totalmente, 28% concordaram, 25,8 se mantiveram neutros, 17,2% discordaram e 5,4% discordaram totalmente. Percebe-se uma falha no projeto, mostrando que os alunos envolvidos não conhecem claramente o papel dos parceiros. A falta de informação se trata de um equívoco que precisa ser revisto para não prejudicar a formação empreendedora dos alunos do PJE (DOLABELA, 2012).

Quando questionados se sabiam qual a área de atuação de cada um dos órgãos/entidades que apoiaram o PJE (afirmativa 4), 28% concordaram totalmente, 23,7% concordaram, 24,7% se mantiveram neutros, 19,4% discordaram e 4,3% discordaram totalmente. Mais uma vez a incoerência se faz presente, pois como os alunos não podem conhecer a área de atuação dos órgãos/entidades se não conhecem o papel dos mesmos no projeto.

Por fim, o aluno foi questionado se possui clareza sobre os passos necessários para se constituir uma empresa (afirmativa 5), sendo que 45,2% concordaram, 44,1% concordaram totalmente, 9,7% se mantiveram neutros, 1,1% discordou e nenhum discordou totalmente.

Os alunos disseram ter clareza sobre a formação de uma empresa, mesmo tendo ficado aberta uma lacuna sobre a participação dos órgãos/entidades no projeto, o que revela que tal fato não interferiu decisivamente no conhecimento sobre empreendedorismo. Nas quatro escolas analisadas a maioria conhece e concorda com a pergunta ressaltando o êxito do programa.

Nas perguntas aplicadas por meio do questionário percebe-se a compreensão dos participantes do PJE sobre a importância do programa, sendo que o empreendedorismo apoia positivamente a educação e seu desenvolvimento (DOLABELLA, 2003).

Os últimos resultados revelaram que os órgãos/entidades apoiadoras que atuam no PJE necessitam ampliar sua área de atuação e seu papel no desenvolvimento do programa de modo a deixar bem claro sua função. Verifica-se que programa tem sido valorizado e também executado de acordo com o interesse dos alunos. Nas entrevistas é possível perceber como o PJE oferece aos alunos envolvidos novos aprendizados, ressaltando a importância do empreendedorismo para a vida pessoal e social.

Percebe-se o papel ativo de todos os envolvidos no projeto. Quando alunos e professores estão envolvidos ativamente no processo de aprendizagem, os resultados tendem a ser mais satisfatórios (DOLABELLA, 1999; 2003; ANASTASIOU; ALVES, 2004; CARNEIRO, 1997; FREIRE, 1996).

O empreendedorismo oferece ao ser humano uma forma reflexiva capaz de induzir a novos sentidos e reflexos no cotidiano (DORNELAS, 2005; LEITE, 2002; LOPES, 2010), por isso a importância do referido projeto para os alunos enquanto cidadãos capazes de se reinventarem e de aprenderem a sempre lutar/perseguir seus objetivos/metas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi realizada com alunos das escolas estaduais de São Roque de Minas-MG buscando verificar a eficácia dos participantes do Programa Jovem Empreendedor. Foi possível verificar que o programa contribui para o desenvolvimento de um perfil empreendedor nos alunos participantes, fortalecendo e ampliando suas visões e ações no cotidiano.

As limitações encontradas neste estudo dizem respeito à etapa de aplicação dos questionários aos alunos do ensino fundamental do município pesquisado. Um grande número de alunos que participante do programa não demonstrou interesse em responder o questionário. Todavia, tal acontecimento não compromete a relevância dos resultados.

178

Sugere-se, para trabalhos futuros, a aplicação dos questionários para alunos que se encontrem no último ano do ensino médio, já que esses alunos tendem a ter uma visão mais ampla sobre as ações e seus resultados, por estarem no último ano de participação no programa, apresentando resultados mais concretos.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, Santa Catarina, SC: UNIVILLE, 2004.

BASTOS, A. T. et al. **Empreendedorismo e educação**: o caso do Projeto Empreendedorismo na Escola, 2006. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>>. Acesso em 28/03/2016.

CARNEIRO, R. **Os clássicos da economia**. São Paulo: Ática, 1997

CURRIE, G.; HUMPHREYS, M.; UCBASARAN, D.; MCMANUS, S. Entrepreneurial leadership in the English public sector: Paradox or possibility? **Public Administration**, 86(4), p. 987-1008, 2008.

DEGEN, R. **O Empreendedor: Fundamentos da iniciativa empresarial.** São Paulo: Mc Graw Hill, 1989.

DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor.** 2 Ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

_____. **Pedagogia empreendedora - o ensino do empreendedorismo na educação básica voltado para o desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

_____. **Oficina do empreendedor: A metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza.** São Paulo: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: Transformando idéias em negócios.** São Paulo: Campus, 2001.

_____. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios.** 2 Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios.** São Paulo: Editora Pioneira, 1987.

179

FRANCO, A. P. **Atividade de ensino, supervisão e gestão escolar: outros paradigmas.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Scipione, 1996.

FREIRE, P; BETTO, F. **Essa escola chamada vida.** São Paulo: Ática, 11ª ed., 2000.

FRIEDLAENDER, G. M. S. **Metodologia de ensino-aprendizagem visando o comportamento empreendedor.** 2004, 144f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

FURTADO, A. M. **Pedagogia Empresarial e o Processo Educativo na Empresa.** Vila Velha: ESAB, 2007.

FUZETTI, D. L. K. Empreendedorismo na visão Schumpeteriana como fator de estratégia de inovação empresarial: estudo em

uma metalúrgica. **Anais...** 7ª Mostra Acadêmica UNIMEP, Ciência, Tecnologia e Inovação: A universidade e a construção do futuro, Piracicaba, de 10 a 12 de novembro de 2009.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

KEARNEY, C.; HISRICH; R.; ROCHE, F. Public and private sector entrepreneurship: Similarities, differences or a combination?

Journal of Small Business and Enterprise Development, 16(1), p. 26-46, 2009.

LEITE, E. **O Fenômeno do Empreendedorismo**. 3 ed. Recife: Bagaço, 2002.

LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. São Paulo: Elsevier, 2010.

MAXIMILIANO, A. C. A. **Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

180

MORRIS, M. H.; JONES, F. F. Entrepreneurship in established organizations: The case of the public sector. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 24(1), p. 71-91, 1999.

OLIVEIRA, E. M. **Empreendedorismo Social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios- notas introdutórias**. Curitiba, Rev. FAE, v.7, n.2, p.9-18, jul./dez. 2004.

PEREIRA, S. M. **A formação do empreendedor**. 191f.. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

REICH, R. B. **O trabalho das nações**. São Paulo: Educator, 1994.

ROBERTS, N. C. Public entrepreneurship and innovation. **Policy Studies Review**, 11(1), p. 55-74, 1992.

ROBERTS, N. C.; KING, P. J. Policy entrepreneurs: Their activity structure and function in the policy process. **Journal of Public Administration Research and Theory**, 1(2), p. 147- 175, 1991.

SANTOS, L. S. **Modelo de implantação de educação para o trabalho:** um estudo de caso. 2002, 97f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SANTOS, A. O. et al. **Projeto Interdisciplinar:** Empreendedor/ Empreendedorismo. 2008. Disponível em: www.unihorizontes.br/proj_inter20081/adm/empreendedor_empreendedorismo.pdf. Acessado em 05 de abril de 2015.

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - **Site institucional.** 2003. Disponível em <<http://www.sebrae.org.br>>. Acesso: em 23 março 2016.

SHOCKLEY, G. E.; STOUGH, R. R.; HAYNES, K. E.; FRANK, P. M. Toward a theory of public sector entrepreneurship. **International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management**, 6(3), p. 205-223, 2006.

SIQUEIRA, D. C. T. **Relação professor-aluno:** uma revisão crítica. 2005 Disponível em: www.conteudoescola.com. Acesso em 20 de maio de 2016.

181

SOUZA, E. C. L.; GUIMARAES, T. A. **Empreendedorismo além do plano de negócio.** São Paulo: Atlas, 2006.

VASCONCELOS, M. L. M. C. **A formação do professor do Ensino Superior.** 2ª ed., São Paulo: Editora Pioneira. 2000.

QUEIROZ, K. C. A. L. **Eu avalio, tu avalias, nós nos avaliamos?:** uma experiência proposta pelo SINAES. Campinas, SP, Autores Associados, 2011.